

**O individualismo e o anteparo:
um estudo das personagens de Puig e Saramago e os óculos de sol**

Caroline Arenhart de BASTIANI¹

Resumo

O romance "The Buenos Aires Affair", de Manuel Puig, trata de violência física e sexual de uns personagens para com os outros. Dessa maneira, surgem questionamentos de porque alguns indivíduos conseguem agir com crueldade e indiferença. Além disso, percebe-se o uso dos óculos escuros com fins distintos do tradicional. O problema que justifica a proposta deste artigo é refletir sobre a maneira pela qual o uso desses óculos teria um outro propósito. Assim, esse artigo busca analisar a individualização social e o uso de um anteparo na relação com os demais, comparando o romance de Puig com o "Ensaio sobre a cegueira", de José Saramago, através de pesquisa bibliográfica.

Palavras-chave: Literatura comparada. Individualização. Anteparo Social.

Resumen

La novela "The Buenos Aires Affair", de Manuel Puig, trata de la violencia física y sexual de unos personajes para con otros. De esa manera, surgen cuestionamientos de por qué algunos individuos logran actuar con crueldad e indiferencia. Además, es posible percibir el uso de las gafas de sol con finalidades distintas de las tradicionales. El problema que justifica la propuesta de este artículo es reflejar sobre la manera por la cual la utilización de esas gafas tenía un otro propósito. Así, ese artículo, busca analizar la individualización social y el uso de un antepecho social en la relación con los demás, comparando esa novela de Puig con el "Ensaio sobre a Cegueira", de José Saramago, a través de una investigación bibliográfica.

Palabras clave: Literatura comparada. Individualización. Antepecho Social.

Introdução

A literatura, em toda a sua abrangência, está submetida a aspectos sociais, independentemente da época ou da sociedade na qual está inserida. Segundo Marisa Lajolo (1989, p. 43) "para que ela exista, é preciso que alguém a escreva e que outro

¹ Mestranda em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE.

alguém a leia”, assim a obra literária só existirá através desde intercâmbio, da relação desta tríade indissolúvel, objeto de reflexão de Antonio Candido em *Literatura e sociedade* (2008). Entende-se, portanto, que a interação entre o autor e seus leitores é fator imprescindível para que a narrativa possa ser considerada obra literária e, logo, para que ela seja um objeto social.

Neste sentido, Cândido afirma que

(...) o escritor, numa determinada sociedade, é não apenas o indivíduo capaz de exprimir a sua originalidade (...) mas alguém desempenhando um papel social, ocupando uma certa posição relativa ao seu grupo profissional e correspondendo a certas expectativas dos leitores e auditores. (CÂNDIDO, 1980, p.74)

Assim, através da publicação de textos ousados e romances confrontadores, é que Manuel Puig rompe com o *Boom*, literatura argentina vigente de 1950 a 1975, inaugurando, juntamente com outros escritores, o *Post-Boom*. Este movimento literário está repleto de críticas ao contexto social das décadas de 70 e 80 e representa aspectos hipócritas e medíocres da classe media, deixando de lado questões raciais, culturais e da identidade latino americana, para focar na marginalização e no gritante contraste encontrado nas classes sociais. Enquanto no *Boom* o homem hispânico era compreendido e representado como herói, no *Post-Boom* não existe mais a necessidade de mostrar a imagem do homem hispânico como herói e nem mesmo configurar uma figura latina. Os personagens principais agora são minorias esquecidas pela literatura, como mulheres, judeus, homossexuais e outros, que viviam às margens da sociedade e são considerados como anti-heróis.

Dessa forma, entende-se que autor e obra mantêm um diálogo constante, que será determinado a partir do pensamento da sociedade na qual estão inseridos. E, assim, torna-se inevitável que essa sociedade seja expressa dentro da literatura, afinal a literatura é parte do mundo social e, como afirma Adriana Facina (2004, p. 25) “expressa visões de mundo que são coletivas de determinados grupos sociais”. A literatura visa provocar uma reflexão e trabalhar, na contemporaneidade, temas polêmicos, sejam eles uma denuncia da realidade política/social ou não. Assim, Puig aproveita-se dessa condição da literatura e de sua condição como autor e manifesta

críticas através de seus textos, apontando para os defeitos da política (ditadura) e da sociedade (que era reprimida e perseguida pela ditadura).

O romance *The Buenos Aires Affair*, foi lançado em 1973 e tinha como propósito tratar de temas como sexo, violência e, indiretamente, política, através de uma trama pesada, chocando leitores com cenas perturbadoras de sexo, masturbação e agressão, por isso foi visto como transgressor e confrontador e Puig passou a ser ameaçado e perseguido, tendo que se exilar da Argentina, devido à crise política da época.

Neste sentido, escritor rompeu com barreiras conceituais não só ao abordar temas polêmicos, mas também ao inovar na linguagem, misturando diálogos telefônicos, com páginas de diários, com boletins escolares e monólogos interiores, mantendo sempre presente uma conversa entre as artes e os gêneros textuais, sejam eles literários ou não. Além disso, o ponto de vista de mais de um personagem sempre aparece, confrontando opiniões e deixando a dúvida sobre quem está dizendo a verdade ou qual personagem está apenas tentando “amenizar” as histórias narradas.

Neste romance, encontra-se Gladys Hebe D’Onofrio, artista plástica que volta para Buenos Aires depois de tentar se estabelecer nos EUA e fracassar. Após uma tentativa de estupro, Gladys sofreu uma séria lesão no rosto, perdendo um dos olhos e ficando com uma cicatriz permanente. Para disfarçar as sequelas, a personagem passa o resto de sua vida usando óculos escuros, para esconder sua cicatriz do mundo e esconder-se atrás desse objeto simbólico.

Assim, pretende-se, neste artigo, fazer uma análise comparativa entre dois importantes romances, *The Buenos Aires Affair*, de Manuel puig, e o *Ensaio sobre a Cegueira*, de José Saramago, através de dois viés: o primeiro, através de uma análise sociológica do individualismo em ambos os romances; e o segundo, através de uma análise da figura dos óculos escuros utilizada por duas personagens.

Serão utilizados, para tanto, referenciais sociológicos, antropológicos e literários, como Bauman, Goffman e Cândido, para o embasamento deste texto. Pois a análise comparativa entre uma narrativa portuguesa e outra latino-americana, aqui proposta, possui extrema importância para pensarmos porque alguns indivíduos agem de acordo com seus próprios propósitos e interesses, além de possibilitar uma reflexão acerca de duas sociedades nas quais a narrativa literária, devido às suas especificidades,

assume diferentes aspectos e posições ideológicas, vinculadas ao sistema social a que pertence, bem como a posição do autor (CANDIDO, 2008).

Além disso, o estudo da imagem dos óculos escuros como instrumento de anteparo é inédito, o que mostra como estudar este tema pode ser essencial e produtivo, tanto do ponto de vista literário, quanto do ponto de vista social. Assim surgiu a ideia dessa reflexão, já que o tema aqui proposto raramente é discutido na academia.

Uma leitura do individualismo na cegueira e no *Affair*

No fato da personagem Gladys, vaidosa, utilizar-se dos óculos para disfarçar o feio, o diferente, pode-se fazer uma ligação com outra personagem, criada por José Saramago, 22 anos mais tarde, que se utilizava do mesmo acessório para satisfazer a sua vaidade. No romance *Ensaio sobre a Cegueira*, de José Saramago (1995), dentre os vários personagens citados e explorados, existe a *Rapariga dos óculos escuros*, cujo termo utilizado para nomeá-la já dá luz à referência que será aqui feita. Essa personagem, assim como todos os personagens do romance, não possui um nome próprio com o intuito de dar a obra uma característica mais universalista.

A forma com que Saramago escreve é diferente de qualquer outro escritor. Ele omite pontuações, como interrogação, exclamação, travessão e também utiliza enormes parágrafos, com uma narração ágil, que faz com que o leitor não consiga tirar os olhos da história. As falas são, também, rápidas e os diálogos de uma personagem com a outra são escritos na mesma linha, separados por vírgulas e letras maiúsculas.

O romance vai muito além de exposições de deficiências físicas como a cegueira. Ele se torna envolvente ao narrar questões subjetivas, sentimentais e emotivas de indivíduos vivendo na sociedade contemporânea. *Ensaio sobre a Cegueira* é uma narrativa paradoxalmente verossimilhante, até mesmo nas situações incomuns. Seu enredo e os fatos representados no romance tornam-se possíveis e aceitáveis dentro do universo textual criado por Saramago. Segundo Claudia Dourado de Salces² (2005), a narrativa de ficção possui caráter subjetivo, que pretende reproduzir a vida, mas é através da criação de uma nova realidade, verossimilhante, que será possibilitada a

² Disponível em:

<<http://www.conteudo.org.br/index.php/conteudo/article/viewFile/9/8>>. Data de acesso: 25/jul/2009

criação de uma atmosfera adequada para que o leitor seja convencido de que o que está lendo realmente poderia acontecer.

Assim, deparamos com dois romances verossimilhantes que pretendem, de um jeito ou de outro, atingir seu leitor e apontar “defeitos” das sociedades nas quais foram elaborados. De um lado, Manuel Puig, oferecendo a visão crítica da classe média argentina, que sofre com a política e com um país desestruturado. De outro, José Saramago, que aponta para todas as sociedades que caminham cada vez mais para a autodestruição, para o egoísmo, quando não estabelece um lugar fixo, nominado para a ambientação de seu romance.

Além do uso dos óculos, temos outra situação em que os dois romances se aproximam: a indiferença para com o outro e a “desumanidade” nas relações. A vida deixa de possuir o valor que antes possuía e a morte torna-se, apenas, um número da estatística, já que, em meio ao caos em que as pessoas estão vivendo, a própria vida passou a ser o único fator importante. Em ambos os romances, temos o tema da sociabilidade vivida nos grandes centros urbanos ocidentais, que na verdade é o centrar-se do indivíduo para si mesmo, deixando de lado os interesses alheios. Segundo Norbert Elias (1994), a individualização foi nada mais que um “processo de civilização”, no qual os indivíduos, devido às mudanças ocorridas nas sociedades, se tornaram cada vez mais independentes e puderam decidir muito mais por si.

Beck, Giddens e Lash afirmam que essas mudanças ocorreram porque a explosão da sociedade industrial fez emergir um novo tipo de sociedade, a “sociedade de risco”, em que “(...) os riscos sociais, políticos, econômicos e individuais tendem cada vez mais a escapar das instituições para o controle e a proteção da sociedade industrial” (BECK, *et al.*, 1997, p. 15). Assim, com a sociedade industrial não podendo controlar esses riscos, alguns de seus aspectos tornaram-se socialmente e politicamente problemáticos, dividindo a sociedade entre o antigo padrão da sociedade industrial e os debates que passaram a circundar a “sociedade de risco”. Os indivíduos começaram a livrar-se da sociedade industrial para caminharem no sentido da emblemática “sociedade de risco” e, assim, exigiu-se que o indivíduo convivesse com esses riscos e com indivíduos diferentes, que também estavam passando por essas mudanças na sociedade. Para Elias (1994), as modificações vividas por esses sujeitos em seus estilos de vida, fizeram com que houvesse uma restrição em seus sentimentos. Passaram a

pensar e observar mais antes de agir, não só em relação aos objetos físicos, mas também e principalmente em relação às suas relações com outras pessoas. “Isso deu mais valor e ênfase à consciência de si mesmo como um indivíduo desligado de todas as outras pessoas e coisas” (ELIAS, 1994, p.91).

Mas essa individualização, esse olhar do indivíduo para si mesmo, não trouxe, apenas, desvantagens. Graças à sociedade industrial, as sociedades estatais tornaram-se maiores, mais centralizadas e urbanizadas e, de acordo com Elias (1994), isso fez com que os indivíduos tivessem que batalhar muito mais por si próprio. Esse desenvolvimento trouxe mais chances de realização e felicidade, pois agora existia a possibilidade de escolher e “produzir suas próprias biografias”, como afirmam Beck, Giddens e Lash (1997). Mas isso, ao contrário do que se pensa, não trouxe a independência dos indivíduos e sim sua interdependência. Devido às escolhas que eram feitas, as pessoas passaram a ter que harmonizar suas atividades e funções, ou seja, ao mesmo tempo em que os indivíduos se diferenciavam um dos outros, tornavam-se também mais dependentes.

Quando passam a ter mais controle sobre suas vidas e passar a rivalizar com os demais, os indivíduos acabam dividindo a sociedade em três categorias, segundo Zygmunt Bauman (1999): “amigos”, “inimigos” e “estranhos”. Os amigos são tudo aquilo que os inimigos não são, são aqueles que estão ao lado, enquanto os inimigos são amigos com falhas, são aqueles a quem não se quer próximo.

Contra esse confortável antagonismo, contra essa colisão conflituosa de amigos e inimigos, rebela-se o *estranho*. A ameaça que ele carrega é mais terrível que a ameaça que se pode temer do inimigo. (...) o estranho solapa a própria vida social. E tudo isso porque o estranho não é nem amigo e nem inimigo ... (BAUMANN, 1999, p.64).

Assim, em ambos romances, encontramos indivíduos que, como nas sociedades contemporâneas, passaram a ver os outros como “estranhos”, fechando-se ainda mais em seus círculos, ou então, ainda mais em si mesmos. Se o estranho é alguém em quem não posso confiar, logo é alguém com quem não preciso me importar, não preciso manter próximo. Carreira, estudos, casa e tudo que se relacionava ao cotidiano familiar passou a ser prioridade e, como afirma Elias “tudo o que estava ‘fora’, fosse coisa ou ser humano, aproximava-se dele como que *a posteriori*, como algo desconhecido e estranho

que se postasse sozinho diante do mundo” (ELIAS, 1994, p. 95). Assim, o individualismo não está ligado à ideia de egoísmo ou ausência total de altruísmo, mas a um processo social pelo qual os indivíduos dentro das sociedades passaram.

Essa forma de individualização e de taxar o outro como “estranho” tornou possível aos indivíduos o afastamento do sentimento dos demais. Em ambos os romances, então, é possível verificar cenas em que essa individualização torna-se clara. Em *The Buenos Aires Affair* (1975), temos o personagem Leopoldo Druscovich agindo sempre em benefício próprio, independente do que as outras pessoas sintam ou pensem, buscando satisfação pessoal.

Quando Leo a penetrou começou a queixar-se e a acusá-lo de bruto, ‘todos acham que as putas têm uma panela, você não sabe que uma puta pode ser estreita?’ Leo se excitou, a prostituta tornou a pedir-lhe que não demorasse. Leo acabou de introduzir-lhe o membro com um empurrão seco e ela começou a berrar de dor e a pedir-lhe que fosse mais suave. Leo redobrou a brutalidade e a mulher tratou de desprender-se. (PUIG, 1975, p. 81)

Esse trecho nos mostra apenas um dos momentos em que o personagem, para alcançar a satisfação pessoal, ignora o fato da prostituta estar sofrendo ou insatisfeita com a relação sexual, para ele o próprio prazer é o importante e o que merece atenção e respeito. Hannah Arendt (1987) afirma que dificilmente um indivíduo que não está inserido num mesmo contexto que outros, sofrendo e passando por situações difíceis, conseguirá agir com o humanitarismo presente na fraternidade dos oprimidos. Isso ocorre por não conseguirem se colocar no lugar do outro e experimentar a dura experiência pelo qual o outro está passando.

No *Ensaio sobre a Cegueira*, temos o personagem do médico sem nome, que tenta comunicar as autoridades sobre a epidemia que se iniciou, tendo em vista que era um problema de segurança e saúde pública, mas que é tratado com indiferença e desconfiança pelo indivíduo que o atende.

(...) O homem quis saber de que se tratava antes de passar ao superior imediato, e estava claro que qualquer médico com sentido de responsabilidade não iria pôr-se anunciar o surgimento de uma epidemia de cegueira ao primeiro subalterno que lhe aparecesse pela frente, o pânico seria imediato. Respondia de lá o funcionário, O senhor declara-me que é médico, se quer que lhe diga que acredito, pois sim, acredito, mas eu tenho minhas ordens, ou me diz de que se trata, ou não dou seguimento, É um assunto confidencial, Assuntos confidenciais não se tratam por telefone, o melhor será vir cá pessoalmente, Não posso sair de casa, Quer dizer que está doente, Sim, estou doente, disse o cego depois de uma hesitação, Nesse caso o que

você deverá fazer é chamar um médico, um médico autêntico, retorquiu o funcionário, e, encantado com seu próprio espírito, desligou o telefone. (SARAMAGO, 1995, p.40).

A fala de Arendt (1987) encaixa-se, também, nessa situação, pois percebemos que o desrespeito e indiferença aplicadas pelo funcionário devem-se ao fato dele não conseguir colocar-se no lugar do médico, do outro, do estranho que se encontra do outro lado da linha telefônica.

Esse individualismo atinge, de maneira especial, duas personagens de romances diferentes e que possuem uma característica em comum: o uso de óculos escuros semelhantes finalidades. Gladys, personagem de Manuel Puig, sofre uma tentativa de estupro enquanto vive fora do Brasil. Esse enxergar o outro como mero personagem de um cenário, sem emoções e sentimentos, é que possibilitou ao agressor atacar cruelmente a personagem:

Deteve-a uma mão forte que lhe cobriu a boca. Gladys só via o braço que, enfiado numa manga de couro negro, a segurava brutalmente pela cintura. Através da roupa sentia o membro em ereção; o assaltante empurrou-a para dentro do jardim de uma residência particular e a ameaçou com um cassetete dentado: não devia gritar. (...) O golpe do cassetete quebrara-lhe o osso que forma o arco da sobrancelha. A pápebra esquerda também fora desgarrada e o globo ocular ficara destruído (...). (PUIG, 1975, p.37)

O não conseguir enxergar-se no papel do outro facilita que sentimentos como a crueldade despontem. No caso da personagem de Saramago, a rapariga dos óculos escuros, ela já inicia o romance em contato com esse individualismo, pois na posição de prostituta sofre preconceitos da maior parte da sociedade. Mas mesmo quando é apenas mais uma entre outras mulheres, também sofre violência.

[...] viu como o cego da pistola puxou e rasgou a saia da rapariga dos óculos escuros, como desceu as calças e, guiando-se com os dedos, apontou o sexo ao sexo da rapariga, como empurrou e forçou, ouviu os roncões, as obscenidades, a rapariga dos óculos escuros não dizia nada, só abriu a boca para vomitar, com a cabeça de lado [...]. A rapariga dos óculos escuros chorava em silêncio. O cego da pistola retirou o sexo que ainda vinha pingar e disse com voz vacilante, enquanto estendia o braço para a mulher do médico, Não tenhas ciúmes, já vou tratar de ti, e depois subindo o tom, Eh, rapazes, podem vir buscar esta, mas tratem-na com carinho, que ainda posso precisar dela. (SARAMAGO, 1995, p.175-176)

Através das citações, percebe-se que tanto Gladys quanto a rapariga encaixam-se na categoria do estranho, pois não estão na classe dos amigos e nem inimigos de seus agressores, são somente indivíduos com os quais eles não precisam preocupar-se. Dessa forma, agem sem importar-se com as consequências que suas atitudes podem acarretar na vida de ambas, mostrando o lado mais perverso da individualização.

Os óculos escuros: o anteparo que aproxima

A partir do momento em que os indivíduos classificam os outros como amigos, inimigos e estranhos, segundo a percepção de Bauman, é possível verificar que aquele que se encontra como estranho não é passível de nenhuma manifestação sentimental do outro. Ou seja, não é passível de sentimentos bons nem ruins por aqueles que estão fora do sujeito. É assim que as duas personagens tornam-se vítimas desse sistema e passam a utilizar do mesmo artifício para contornar, manipular ou proteger-se do convívio social.

Assim, propõe-se aqui uma análise dos óculos escuros como um anteparo social nas duas personagens femininas dos romances abordados, *Gladys e a rapariga dos óculos escuros*. Como Humberto Eco (1932) afirmou, a “narrativa de ficção é necessária e fatalmente rápida porque, ao construir um mundo que inclui uma multiplicidade de acontecimentos e de personagens, não pode dizer tudo sobre esse mundo”, sendo assim, quando um autor faz uma alusão a esse mundo, ele espera que o leitor possa preencher um conjunto de espaços que ficou (ou ele mesmo deixou) vazio.

Primeiramente, o que motiva ambas as personagens a fazerem o uso dos óculos é a necessidade de esconder algo – e esconder-se. Gladys deseja esconder a marca em sua pálpebra esquerda, deixada após uma tentativa de estupro que a fez perder um dos olhos e que a deixara duplamente inferiorizada em uma sociedade na qual até mesmo seu estuprador, seu carrasco – por pertencer e demonstrar sua masculinidade em um ato de violência – lhe é superior e, ainda, tornar-se “diferente”, “anormal”, “monstruosa” ao perder um de seus olhos. Enquanto *a rapariga dos óculos escuros* passa a usá-los para esconder uma conjuntivite (isso é sabido pois quando chegou ao médico, já dispunha do acessório e o usava momentos antes enquanto cumpria tarefas do seu ofício) e proteger os olhos.

O mal da rapariga dos óculos escuros não era de gravidade, tinha apenas uma conjuntivite das mais simples, que o tópico ligeiramente receitado pelo médico iria resolver em poucos dias, Já sabe, durante esse tempo só tira os óculos para dormir, dissera-lhe. (SARAMAGO, 1995, p. 29)

Assim, visualizam-se duas personagens com problemas diferentes, mas que utilizam o mesmo artifício para driblá-lo. Se o leitor atento decidir ultrapassar o limite das informações claras e óbvias fornecidas pelo romance e lançar um olhar crítico ao que essas personagens realmente desejam com o uso dos óculos, poderá descobri-los como peça fundamental numa metáfora de proteção, defesa.

Para Claudia Lanzarin (2000)³, a metáfora do anonimato, nos bailes medievais, era a máscara, que impedia a sociedade de olhar para o indivíduo, reconhecendo e amarrando-o em um determinado lugar. A máscara, dessa forma, marcava o subjetivismo existente no indivíduo. O uso dos óculos escuros, hoje, pode ser visto como uma analogia ao uso da máscara nos bailes medievais, opondo-se somente quando refletimos sobre a finalidade destes objetos: a máscara era uma inversão, uma tentativa de fuga de papéis sociais pré-estabelecidos, enquanto os óculos são, justamente, um símbolo que marca o estabelecimento estático destes papéis.

Os óculos escuros são um disfarce, uma maneira de subverter, de “mascarar”, de fazer o outro enxergar a carga significativa que um sujeito carrega na alegoria dos óculos. Segundo Peter Berger e Thomas Luckmann (1985), quando indivíduos encontram-se em uma situação “face a face”, a imagem que se projeta naquele instante de um e de outro, através da troca de expressividades a que ambos estão submetidos, os colocam em contato com a subjetividade mútua concebida através desse intercâmbio social. A leitura que um fará do outro será de acordo com as impressões que os indivíduos puderam apreender durante esse encontro.

No espaço íntimo, com o qual as personagens se relacionam com o social, existem emoções e sentimentos próprios da subjetividade de todo indivíduo. Mas expressá-los ou dar a entender o que acontece nesse espaço é uma escolha que o próprio indivíduo faz e que ele pode controlar através de suas ações no contato com o social,

³Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1414-98932000000300006&script=sci_arttext, data de acesso: 05/jul/2012.

como Berger e Luckmann apontaram e como Erving Goffmann (1975) também afirma, ao mostrar como os indivíduos agem durante uma interação com outros indivíduos:

Pode desejar que pensem muito bem dele, ou que eles pensem estar ele pensando muito bem deles ou que percebam o que realmente sente com relação a eles, ou que não cheguem a ter uma impressão definida; pode desejar assegurar harmonia suficiente para que a interação possa ser mantida, ou trapacear, desembaraçar-se deles, confundi-los, induzi-los ao erro, opor-se a eles ou insultá-los. Independentemente do objetivo particular que o indivíduo tenha em mente e da razão desse objetivo, será do interesse dele regular a conduta dos outros, principalmente através da influência sobre a definição da situação que os outros venham a formular. [...] (p. 13)

Ou seja, o indivíduo, como numa representação teatral, pode moldar sua imagem da maneira que quer que o vejam. Então os óculos escuros, que agiriam como instrumento nessa confecção da imagem, não serviria apenas para esconder a pessoa que existe por trás deste acessório, mas também para determinar essa figura e não se dar a conhecer. Além disso, os óculos também podem ser vistos como um imperativo que obriga os outros a se relacionarem com as personagens por esse anteparo. Dessa forma, então, além de problemas físicos, as personagens anseiam esconder ou disfarçar seus problemas interiores, aqueles que envergonham, que não satisfazem, que constroem. O uso dos óculos seria uma maneira de não se dar a conhecer, serve como um anteparo, uma proteção diante dos outros.

Para Gladys, esse uso estaria relacionado a dois fatores. Primeiro, ao fato dela não ser mais “perfeita”, de não manter a mesma simetria que os demais, pois os óculos impossibilitam ver o que está fora dos padrões, o que está errado. Mas, além disso, impossibilitam a leitura do fracasso estampado no rosto de uma frustrada artista plástica, objetificada enquanto artista e, principalmente, enquanto mulher nas mãos do estuprador. Daquela que sempre quis que sua vida tivesse um propósito, que fosse feliz.

Bob achou-a mudada naquela manhã, segura de si mesma, mais bem vestida – de fato, decidira gastar mais dinheiro no seu arranjo pessoal –, e inclusive interessante atrás de seus enormes óculos escuros, ao que cabe acrescentar que a impressão de Bob era verdadeira. (PUIG, 1975, p. 40)

Gladys, com seus óculos, conseguia atingir seu propósito: disfarçar sua imperfeição e passar uma outra imagem de si no convívio social. Com a rapariga, a situação não era diferente. Os óculos escuros possibilitavam disfarçá-la em meio às

outras pessoas. Escondiam a pessoa que era, a prostituta renegada, e a mesclavam com os demais. Em determinado trecho do romance de Saramago, vê-se que a rapariga acredita mesmo numa personagem criada a partir do uso dos óculos: “[...] contrariava a sua convicção de que os óculos escuros lhe conferiam um ar de capitoso mistério, capaz de provocar o interesse dos homens que passam, e eventualmente retribuía-lo” (1995, p. 30).

Ou seja, ela tinha intenção de chamar a atenção de um homem como mulher comum, enigmática, que talvez retribuísse uma investida masculina e não como prostituta fácil que responde às investidas em troca de um bom pagamento. Em outros trechos também pode-se enxergá-la usando seus óculos escuros, antes da epidemia da cegueira espalhar-se, sem mesmo o médico receitar o uso dos óculos escuros. O acessório a mantinha no anonimato, que, assim como a máscara, não permitia que o mundo social a reconhecesse como o sujeito subversivo.

Considerações finais

Nos romances *Ensaio sobre a Cegueira*, de José Saramago, e *The Buenos Aires Affair*, de Manuel Puig, encontramos marcas deixadas pelo processo de individualização social, em que, para um indivíduo, a vida do outro não possui importância e é indiferente. Assim, depara-se com a história de duas personagens acometidas por violências físicas e sexuais que, não satisfeitas com a vida que levam, buscam omitir suas identidades através de um anteparo: os óculos escuros.

De acordo com Christopher Lasch (1984) quando o indivíduo está acometido de um vazio interior e pode ser caracterizado pela cultura do “sobrevivencialismo”, ele está inserido na cultura do narcisismo, em que “a vida cotidiana passa a pautar-se pelas estratégias de sobrevivência impostas ao que estão expostos à extrema adversidade” (p. 47). Ou seja, pode-se supor que Gladys e a rapariga fazem parte desse narcisismo e buscam adaptar-se à sociedade em que estão inseridas. Buscam, acima de tudo, satisfação pessoal através de jogos e artimanhas que a utilização dos óculos escuros propicia a elas.

Lasch (1984) também afirma que quando se tem uma identidade adaptável – como no caso das personagens que moldam as suas de acordo com a imagem que

querem que façam delas – e permutável, auxilia a livrar os indivíduos de convenções sociais antiquadas e procura tornar inatacável e proteger contra a perda e a dor. Ou seja, é possível identificar a figura de Gladys e da rapariga como narcisistas sobrevivencialistas, que buscam submergir suas identidades originais para que possa emergir o papel que elas gostariam de representar quando estão dispostas com suas máscaras, ou melhor, com seus óculos escuros.

Dessa forma, atinge-se o objetivo da literatura comparada que, segundo Tânia Carvalhal (1986), “possibilita a esse tipo de estudo literário uma exploração adequada de seus campos de trabalho e o alcance dos objetivos a que se propõe”. Afinal, a comparação serve como um instrumento para a análise comparativa da literatura, atuando como método de estudo. Ao comparar as duas literaturas, pode-se verificar como os óculos escuros realmente agem como um anteparo social e como o processo de individualização ocorre na prática no mundo social e como isso explica o porquê das pessoas conseguirem agir com total falta de remorso, compaixão e piedade.

Referências

- ARENDDT, Hannah. *Homens em tempos sombrios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e ambivalência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1999.
- BECK, Ulrich; GIDDENS, Anthony; LASH, Scott. *Modernidade reflexiva: política, tradição e estética na ordem social*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.
- BERGER, Peter Ludwig. LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. Petrópolis, Vozes, 1985.
- CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Publifolha, 2000.
- CARVALHAL, Tania Franco. *Literatura comparada*. São Paulo: Editora Ática, 1986.
- ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- ELIAS, Nobert. *A Sociedade dos Indivíduos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1994.
- FACINA, Adriana. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis, Vozes, 1975.

LAJOLO, Marisa. *O que é literatura*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

PUIG, Manuel. *The Buenos Aires Affair*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

LASCH, Christopher. *O mínimo eu*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.